



# A BATALHA

## CONTINUAM EM PERIGO AS LIBERDADES PÚBLICAS!

Em torno dos chefes do pronunciamento militar gravitam alguns abutres reaccionários em busca dum posto donde possam à vontade cercear as liberdades que odeiam.

A propalada tentativa da noite de anteontem, pró-restauração do regime deposto em 1910, constitui um bom aviso a todos os homens livres e às classes trabalhadoras. Não morrendo de amores por essa república despótica que para aí tem estado, o proletariado não consentirá que lhe imponham uma ditadura de caserna e uma monarquia que deve ter morrido para sempre.

Hoje, mais do que nunca, o operariado deve estar atento e apetrechar-se para a luta se a tanto fôr chamado.

PELA LIBERDADE!

CONTRA A TIRANIA!

### A especulação dos monárquicos em torno dos acontecimentos

Dissemos no nosso editorial de ontem que não tínhamos o menor interesse em lançar a confusão nos espíritos, em especularmos com os boatos que têm corrido ou em propagar, por nossa conta, versões sobre os acontecimentos. Temos deixado esse cuidado aos políticos — e principalmente aos políticos monárquicos que não descansam nas suas tentativas de agravar a situação, procurando envolver as tropas numa tenebrosa aventura.

Mas, não podemos tomar perante os acontecimentos a atitude indiferente e tranquila de cruzar os braços, nem tampouco podemos fechar os olhos diante do que disserem os outros jornais nem tapar os ouvidos para não escutarmos o que anda na boca de toda a gente. Ser boateiro — significa propagar um boato. Reproduzi-lo, quando ele já é do domínio público, quando ele anda nos lábios de toda a população, já não é ser boateiro. É cumprir um dever, — o dever que tem um jornal de cumprir para com os seus leitores. E o dever dum jornal não está unicamente no relato dos acontecimentos, mas sim na análise a factos desde que elas apresentem uma certa verosimilhança. Nunca nos astafámos do nosso dever, — agora, no momento anormalíssimo que atravessamos, menos o podíamos fazer.

\*\*\*

Anda nos lábios de toda a gente que os monárquicos — os monárquicos que andam em volta dos acontecimentos como os abutres em torno dos cadáveres — pretendem anteontem à noite, num golpe de mão audacioso, colher o país de surpresa e implantar o regime deposto em 5 de Outubro.

Um redactor dêste jornal procurou ontem o sr. João Mendes Cabeças, a quem perguntou se de facto houve quem pensasse a noite passada em implantar a monarquia. A resposta foi negativa. Contudo — como noutro lugar devidamente pormenorizamos — o sr. João Mendes Cabeças recusou-se categoricamente a responder a várias perguntas e só assim a sua negativa podia ter valor. De modo que depois de feita aquela «demarche», nada mais nos restava que reflectir a inquietação popular e salientar o facto a que acima aludimos e que é caracterizado pela mais excessiva gravidade.

Há uma pessoa insuspeita de simpatia por nossa parte — o coronel Ferreira do Amaral. Neste jornal estigmatizámos, muitas vezes, com dureza e com energia os actos que ele consentiu ou que ele aconselhou aos seus subordinados policiais. Isso mesmo nos dá pulso livre para reproduzirmos o seguinte telegrama que o actual governador civil interno de Lisboa enviou anteontem para o Grande Quartel General, na Amadora, e para as considerações que sobre a sua atitude mais abertos fazem:

Um governo, uma constituição e uma república — sim. Outra coisa — não.

Ferreira do Amaral.

Este telegrama que a «Epoca», que tanto incenso e tanta mirra queimou pelo comandante da polícia, publicou, sem lhe dar o menor relévo, ao fim dum coluna das suas páginas interiores, propostadamente para passar desrespeitado, mereceu ao «Diário da Tarde» as seguintes expressivas apreciações:

«A noite passada bem pode considerar-se uma noite histórica. A conferência realizada na Amadora, entre os srs. general Gomes da Costa e comandante Cabeças, depois de outra conferência que já se tinha efectuado entre o sr. general Gomes da Costa e o tenente-coronel Ferreira do Amaral, marcou uma notável etapa dos acontecimentos. Quando um dia, que não virá longe, se fizer a história do último movimento militar, hão de merecer um registo especial as palavras que pelo comandante da polícia foram dirigidas ao chefe revolucionário, que fizeram mudar inteiramente a face das coisas. O sr. Ferreira do Amaral prestou ontem à noite mais um enormíssimo serviço às instituições e à Pátria.»

É fácil de tudo isto concluir que ao sr. Ferreira do Amaral se deve em grande parte não se ter produzido anteontem um acontecimento que, pelo menos, faria desencadear no país uma temerosa guerra civil. Foi um inimigo nosso quem teve esse gesto. Nenhuma dúvida temos, a-pesar-disso, em prestar-lhe essa justiça.

\*\*\*

Não acusamos os dirigentes do movimento de pretender estabelecer neste país o regime deposto; acusamos os monárquicos de fomentarem uma intriga que pode provocar as mais funestas consequências. Apontamos a dedo esses manejos — contribuindo assim para evitar a infiltração que a política pretende fazer no exército. E nessa infiltração política estão-se destacando bastante os integralistas que justificam assim o apodo de «intrigalhistas» por que há muito são conhecidos.

\*\*\*

O telegrama do sr. Ferreira do Amaral é bastante explícito: «Um governo, uma constituição e uma república — sim, outra coisa — não». «Outra coisa» só pode significar — monarquia. O «Diário da Tarde» dizendo que aquele senhor prestou um enormíssimo serviço às instituições foi ainda mais explícito.

Como se vê temos fortes razões para afirmar que há ao lado do general Gomes da Costa algumas sinistras criaturas que, aproveitando-se da situação, pretendem submeter as instituições republicanas. A tentativa foi anulada, mas nada nos garante que não voltem novamente à carga.

Que todos os que amam as liberdades e as regalias conquistadas saibam estar a postos para poder evitar as consequências funestas que resultarão dum golpe de audácia que os colha de surpresa.

### “Não se tentou implantar a monarquia nem há Junta Governativa”, diz à “Batalha” o capitão sr. João Mendes Cabeças

O dia de ontem foi fértil em boatos. E compreende-se. De madrugada realizou-se uma conferência em Sacavém entre o general Gomes da Costa e o comandante João Mendes Cabeças, da qual saiu, em substituição do triunvirato militar, uma Junta Governativa. Este facto e a notícia dum reunião de oficiais no Entroncamento que resolveu fazer reimplantar a Monarquia não dão motivo a que se asseverasse que as fórmulas do general Gomes da Costa, numa actuação comum, se propunham levar para o Palácio das Necessidades o rei D. Manuel.

Para nos inteirarmos do que se passava avançámos também para o ministério da Guerra, a-fim-de conversarmos com alguém do governo ou da sua confiança.

No ministério da Guerra tudo quase devolto. Apenas um continuo e um ou outro oficial do exército.

Soubemos, ao cabo de algumas pesquisas, que um dos elementos que nos interessava se encontrava no ministério do Interior. Esse elemento era o capitão João Mendes Cabeças. Falar com o irmão do presidente do ministério no momento em que ele pretendia dirigir-se para a presidência da República era algo difícil. Todavia arriscámos:

— Senhor capitão, somos de *A Batalha*. — Mas eu não posso demorar-me... — Apenas duas palavras, senhor capitão... E enquanto o capitão Cabeças descia a escadaria que condiz à rua fomos pre-guntando:

— V. ex.ª pode informar-nos se houve qualquer tentativa de reimplantação da Monarquia?

O nosso interlocutor quedou-se uns momentos e respondeu-nos com grande seriedade:

— Pode dizer no seu jornal que não houve qualquer tentativa monárquica.

— Mas porque se realizou a conferência esta madrugada em Sacavém?

### Um vómito negro sobre as classes trabalhadoras

Fernando de Sousa, mais conhecido pela alcunha jornalística de *Nemo*, resumindo rancor, incitava ontem na *Epoca* os actuais dirigentes da vida política portuguesa a praticarem contra a C. G. T., o operariado e especialmente os ferroviários do Estado e os militares da guarnição da capital foram ontem cumprimentar o general Gomes da Costa. O facto mais importante desta cerimónia foram as afirmações feitas pelo general acerca da disciplina militar.

Gomes da Costa passou por diante dos oficiais, muito medalhados e muito severos, sem manifestar-lhes mais que o peso da sua hierarquia. O cumprimento era assim feito: — Como está você? Como passa você?

E como se falasse a recrutas, indagou:

— Qual dos senhores oficiais é o mais antigo?

— Eu, declarou o coronel Aguiar, avançando de entre a horda formação de oficiais.

Em meio do mais profundo silêncio, o coronel Aguiar, que comanda actualmente o regimento de infantaria 1 afirmou a disciplina dos oficiais da guarnição, constituindo, velando pela honra das fardas.

As opiniões do general Gomes da Costa

Sem que se quebrasse o silêncio, o general Gomes da Costa respondeu com voz dura. Declarou que folgava em escutá-los e que o movimento efectuado pelo exército tem o fim de arrancar a Pátria das misérias e das vergonhas. Em dado momento, o general pronunciou palavras que causaram forte emoção. São estas:

— Os senhores oficiais falaram em disciplina. Eu não consinto que ninguém seja mais disciplinado do que eu. Tenho 40 anos de tropa, e tenho passado, sofrido muito, e oxalá os senhores nunca passsem uma parte do que eu tenho passado. Pois o vosso conceito de disciplina pode estar errado. Se amanhã à frente de um país estiver um bandido, e o Exército, em nome da disciplina, transigir com esse bandido, é tão bandido como ele.

Não estava ainda apagada a impressão uscida destas palavras, e já Gomes da Costa proferia:

— Não se revoltou o exército português contra a disciplina. Revoltou-se a favor da Nação, para honra do exército português, o exército do país mais glorioso do mundo. Defender os que envergavam a nossa Pátria era um crime. Quem defendeu nesta hora a Nação não foram os senhores, mas estes todos, que estão aítraz de mim.

Afirmou depois a sua disposição de não establecer ditadura:

— Não sou um ditador, nem o exército quer ditaduras odiosas. Queremos salvar

### Oportunas considerações sobre o pronunciamento militar

Quando a tirania e a truculência dos demócratas tornou possível o desembrião, a Nação soltou um *ah!* de alívio e Sidónio Pais — rapidamente saído da penumbra política, não obstante a sua penetrante inteligência, para o claro sol que ilumina os reformadores — viu-se rodeado das multidões sedentas de justiça e de liberdade que o aclamaram estrondosamente e lhe tributaram o seu carinho ingênuo, simplista, quâsi infantil...

Sidónio Pais, que era um homem inteligente, matemático ilustre, professor distinto — cujo trato cheio de lhanes eu e vários rapazes do meu tempo, muitos de nós avançados de ideais e irreverentes ao extremo, tivemos ocasião de constatar quando éramos estudantes e ele era reitor da Universidade de Coimbra — não tinha, porém, predisposição de espírito nem preparação intelectual para governar um povo, para ser um estadista, para se tornar num reformador cuja obra progressiva (adequada às necessidades do meio e da época que então atravessávamos) pudesse perdurar e dar frutos que as gerações seguintes colhessem com agrado e utilidade. Depois, com aquela parcela de desequilíbrio que nela existia, com aquela tara de deslumbramento consigo próprio, de narcisismo, que as circunstâncias permitiram que se acentuasse e desenvolvesse no seu espírito até desmesuradas e alucinativas proporções, foi cada vez mais afastando-se das realidades que o cercavam, vivendo cada dia mais profundamente no mundo irreal criado pela sua fantasia, iluminado pelo delírio paranoico do seu *poder pessoal*, guiado, cheio de confiança e de fé, por aquilo a que ele chamava — a sua estrela. Aquela estrela que não o desampararia nem empalideceria, e que faria, decerto — ele o afirmava — seguir trajetória diversa às balsas homicidas que procurassem atingi-lo ou aos estilhaços de bombas que se destinasse a aniquilar-l-o...

Por traz desta psicologia, espreitando na sombra, explorando-lhe os pontos fracos, trabalhando-lhe as suas qualidades, aproveitando-lhe os seus defeitos, consoante a conveniência das circunstâncias, rodeava-o quase sempre a alcateia dos lobos reacionários, a matilha dos rafeiros videirinhos, a canzoada de instintos sanguinários e de desgnos torpes. E, dentro em pouco, enquantos o visionário, contante na sua estrela e no seu *poder pessoal*, fazia o seu delírio de grandes, a malta sinistra, que o cercava e o absorvia para satisfazer interesses inconfessáveis e para saciar paixões e ódios os mais miseráveis, sujeito a Nação a assistir à asfixia de todas as liberdades, a perturbação de todos os serviços e a prática dos crimes mais monstruosos — seguindo-se, através desse caminho de ignomírias e de violências, para a restauração de um empobrecido, violentado. Queremos, e os meus camaradas, os vossos camaradas, salvar o exército, este exército até aqui vexado, vilipendiado, sujo (o general empregou outra expressão mais significativa). O exército quase não tem existido e é preciso que exista!

E como se falasse a recrutas, indagou:

— Qual dos senhores oficiais é o mais antigo?

— Eu, declarou o coronel Aguiar, avançando de entre a horda formação de oficiais.

Em meio do mais profundo silêncio, o coronel Aguiar, que comanda actualmente o regimento de infantaria 1 afirmou a disciplina dos oficiais da guarnição, constituindo, velando pela honra das fardas.

As opiniões do general Gomes da Costa

Sem que se quebrasse o silêncio, o general Gomes da Costa respondeu com voz dura. Declarou que folgava em escutá-los e que o movimento efectuado pelo exército tem o fim de arrancar a Pátria das misérias e das vergonhas. Em dado momento, o general pronunciou palavras que causaram forte emoção. São estas:

— Os senhores oficiais falaram em disciplina. Eu não consinto que ninguém seja mais disciplinado do que eu. Tenho 40 anos de tropa, e tenho passado, sofrido muito, e oxalá os senhores nunca passsem uma parte do que eu tenho passado. Pois o vosso conceito de disciplina pode estar errado. Se amanhã à frente de um país estiver um bandido, e o Exército, em nome da disciplina, transigir com esse bandido, é tão bandido como ele.

Não estava ainda apagada a impressão uscida destas palavras, e já Gomes da Costa proferia:

— Não se revoltou o exército português contra a disciplina. Revoltou-se a favor da Nação, para honra do exército português, o exército do país mais glorioso do mundo. Defender os que envergavam a nossa Pátria era um crime. Quem defendeu nesta hora a Nação não foram os senhores, mas estes todos, que estão aítraz de mim.

Afirmou depois a sua disposição de não establecer ditadura:

— Não sou um ditador, nem o exército quer ditaduras odiosas. Queremos salvar

### Uma revelação grave

A impressão causada nos oficiais por todas estas palavras era bastante profunda. E

sobre a emoção geral, Gomes da Costa atrai esta extraordinária revelação:

— Tenciono tirar os direitos políticos a todos os oficiais do exército. Tenciono acabar com a política no exército. Quem for político não pode vestir uma farda!

Pouco depois, o general Gomes da Costa ainda perorava:

— A vossa ligação com camaradas nossos que mais cedem viram que era preciso limpar a pátria dos políticos corruptos, e pôr Portugal a par das nações mais disciplinadas e mais honradas do mundo — vai ser de pensar melhor. Todas as guarnições de todas as cidades vão de pensar como o exército nacional, de que eu sou a expressão máxima neste momento: hão de pensar que por traz destas fardas está o povo, e que a nação não podia continuar a ser perfeita de ambiciosos.

E, mal final, esta frase esmagadora:

— Srs. oficiais, vivam o exército, a pátria, a República!

Estas palavras foram como um rastilho, pois aclamações prolongadas estrondearam por entre a oficialidade. Assim terminou a cerimónia militar.

## A conferência em Sacavém entre os dois chefes do movimento

Já havia sol quando o comandante Cabecadas e o general Gomes da Costa uma vez mais se consideraram entendidos, a pesar das publicadas divergências. Ao que parece, a situação tinha-se complicado, visto que o general Gomes da Costa persistia em não aceitar a constituição do governo, tendo enviado a todas as unidades um telegrama em que maninhava os seus pontos de vista.

Houve várias negociações antes de se efectuar a conferência. Assentou-se num plano de céu a Lisboa. Em seguida, chegou-se a combinar a constituição dum directorio militar que assumiria plenamente as funções do poder executivo. Dêsse directorio fariam parte os generais Gomes da Costa, Carmona e Sinet de Cordes e comandante Mendes Cabecadas.

Considerou-se, por fim, que esta solução não era conveniente, por ameaça o país com uma temerosa guerra civil. E buscou-se uma solução mais concordante que pudesse resolver o grave problema do momento.

Deu-se aquele episódio Ferreira do Amaral a que nos referimos em outro lugar.

Após várias diligências, preparou-se a conferência em Sacavém. A's cinco horas da manhã, aprovou-se a acta que a seguir transcrevemos:

«Os três dias do mês de Junho do ano de mil novecentos e vinte e seis, neste quartel do 3.º batalhão de Artilharia de Guarani — reuniram-se os ex.ºs sr. general Manuel de Oliveira Gomes da Costa e capitão de mar e guerra José Mendes Cabecadas, estando presentes os srs. coronel Júlio Alberto de Sousa Schiappa de Azevedo, comandante interino da 5.ª Divisão do Exército; tenente-coronel do Estado Maior Átilio Passos e Sousa; tenente de cavalaria João Pereira de Carvalho e tenente Armando Pinto Correia, ajudante de campo de sua ex.º o general Gomes da Costa. E tendo-se ventilado entre os dois primeiros senhores a organização do governo provisório a sair do movimento militar iniciado em 28 de Maio do ano corrente, ficou resolvido, pelas cinco horas da manhã, que esse governo lassisse constituído da seguinte forma:

**Presidência e Interior:** comandante Cabecadas; **Guerra e Colônias:** general Gomes da Costa; **Estrangeiros:** general Carmona; **Marinha:** comandante Jaime Freixo; **Finanças:** dr. Oliveira Salazar; **Justiça:** dr. Almeida Ribeiro; **Agricultura e Interino do Comércio:** Ezequiel de Campos. E não houve mais nada a tratar, foi dada por encerrada a conferência, lavrando-se a presente acta, que vai assinada por todos os oficiais que nela interviveram e que foi escrita por mim, Armando Pinto Correia. (Seguem-se as assinaturas.)

Mais tarde substituiu-se o nome do sr. Almeida Ribeiro pelo sr. Manuel Rodrigues, vidente de direito em Coimbra.

## Uma atitude dos oficiais da guarnição de Lisboa

Depois de pronunciado o discurso do general Gomes da Costa, surgiu no campo da Amadora o general comandante da 1.ª Divisão, Bernardino Faria, e os oficiais que constituem o seu estado-maior. Também iam vários comandantes de unidades da G. N. R.

O general Bernardo de Faria foi logo rodeado pelos comandantes das unidades de Lisboa.

O coronel Aguiar, comandante de infantaria 1, transmitiu-lhe as palavras proferidas pelo general Gomes da Costa, pedindo-lhe que, em virtude de não lhe ter podido responder, fizesse sentir, ao novo ministro da Guerra, que todos os oficiais que ali estavam tinham as noções exactas da disciplina e da política.

Ao que nos informaram, e nós reproduzimos a informação sob reserva — o coronel Aguiar, que se distinguiu no ataque à Rotunda, quando da revolta de 18 de Abril, comandando o regimento de infantaria 1, o primeiro que irrompeu no reduto dos revoltos, despediu-se ontem dos oficiais do seu regimento. Esta atitude causou funda impressão, correndo logo o boato de que se iria demitir.

## As tropas de Gomes da Costa avançam sobre a capital

Diz-se ontem que, hoje mesmo, será iniciada a marcha sobre a capital das tropas que se encontram acantonadas nos arredores. Estas tropas são em número de 6.000 homens, parecendo que a 8.ª divisão, a que iniciou o movimento militar, já não marchará sobre Lisboa.

Os postos avançados da coluna de Sacavém, comandada pelo coronel Mousinho, estenderam uma linha que vai de Moscavide à Amadora, tendo-se as forças aproximado de Lisboa. Os obuses de campanha e a cavalaria da Escola de Equitação tomaram posições de apoio à infantaria.

## A chefia do distrito de Lisboa

Na conferência havida em Sacavém, ficou resolvido que o major Brito Pais assuma o cargo de governador civil de Lisboa. Ontem, de tarde, reuniram-se no Centro 19 de Outubro, vários elementos radicais e esquerdistas, para apreciarem a escolha do novo chefe do distrito, tendo encarregado uma comissão de se avisar com o comandante Cabecadas, a fim de lhe pedir a nomeação do dr. Gonçalo Casimiro para aquele lugar, caso o comandante Brito Pais se recuse a aceitá-lo. A situação no governo civil não se modificou, tendo o tenente Oliveira Pio assumido ontem o cargo de comissário da P. S. P.

## Estão normalizados os serviços ferroviários do Sul e Sueste

De harmonia com o que ontem noticiámos, a greve dos ferroviários do Sul e Sueste terminou ontem. A's 5 horas saiu da estação do Barreiro o comboio de exploração, conduzindo o comitê dirigente da greve. O comboio que seguiu pela via Sado fez uma viagem admirável. A medida que passava nas estações os serviços iam normalizando, para o que muito contribuiu a boa vontade dos ferroviários.

A's 6 horas saiu um outro comboio de exploração, via Beja, que se desenhou mesmo modo e com as mesmas facilidades da sua missão.

Ao princípio da tarde todos os serviços

ferroviários que concernem ao Algarve e os regimentos dissolvidos por terem tomado parte no 18 de Abril.

O ministro da Guerra encarregou o director geral mais graduado do seu ministério, general sr. José Pedro de Lima, de resolver todos os assuntos de expediente corrente, reservando para si a solução de todos os assuntos para que seja necessário o seu despacho.

Dizia-se também que vão ser substituídos os comandantes das unidades militares de Lisboa.

A divisão naval de cruzadores, que antecedeu à noite recebeu ordem pela telegrafia sem fios para retirar com urgência para Lisboa, deve chegar hoje ou amanhã ao Tejo.

## As autoridades militares de Coimbra começam a pôr em prática actos ditatoriais

COIMBRA, 2.—Nesta cidade a situação tem-se mantido calma.

A manifestação que ontem, à última hora, anunciamos, de protesto contra uma possivel tentativa de constituição de ditadura militar, não chegou a realizar-se por motivo do general Gomes da Costa e comandante Cabecadas, juntos dos quais iriam os manifestantes, se haverem retirado, antes das 20 horas, para Lisboa.

Convocando o Povo e a Academia liberais, foi distribuído, com profusão, o seguinte convite:

«Convidam-se a Academia e o Povo liberais de Coimbra, a levarem, às 8 horas, numa manifestação solene, a demonstração da maior simpatia pelo movimento nacional militar, opondo terminantes desmentidos aos boatos tendentes a fomentar a desordem entre as forças revolucionárias. De conformidade com as instruções transmitidas por quem de direito, foi recomendado a todos os filiados, principalmente aos que fazem parte das agremiações operárias, que esclareçam os seus camaradas quanto à nobreza de intenções que anima os que tudo arriscaram para arrancar a Pátria e a República da ditadura dos demócratas — dessa ditadura que deportou preços sem culpa formada e que contra ela nunca viu a greve revolucionária declarada em princípio, por parte daqueles que se dizem amigos, camaradas e bons orientados da classe operária.»

Extranhamos que os «Libertadores» ou outra qualquer agremiação política, mais ou menos importante, nos pretenda dar lições e se suponha com autoridade moral para zicrificas as intenções que a C. G. T., como representante do operariado, tem assumido.

Sempre fomos contra as ditaduras, nunca em obediência a fórmulas políticas mas para defesa dos interesses e das regalias das classes trabalhadoras. Não somos democratas, nem parlamentaristas — somos sindicalistas. De modo que o nosso conceito sobre ditadura não é igual ao dos que defendem o sistema parlamentarista. Ditadura para nós significa supressão pura e simples de todas as liberdades e regalias conquistadas pelo proletariado em lutas incruas. Desde que sejam atacadas as conquistas do proletariado este ergue-se a defendê-las. Por isso fomos contra António Maria da Silva que desrespeitando os direitos consignados nas próprias leis, sancionou as deportações sem julgamento de operários. E, de acordo com esse nosso ponto de vista, protestámos com toda a energia contra a deportação sem culpa formada do chefe dos «Libertadores» sr. Martins Júnior.

Os «Libertadores», entendendo que devíam arrepriar o caminho e pedir a supressão de todas as liberdades, justificam pésimamente o seu título e revelam sobre a nossa atitude uma incompreensão que se não é motivada por estupidez, não pode deixar de ser malévola.

**Uma nota oficiosa sobre a nomeação do Administrador Geral dos Correios e Telégrafos**

A Asociación de Classe do Pessoal dos Correios e Telégrafos enviou-nos, com o pedido de publicação, a seguinte nota oficiosa:

«Tendo sua ex.º o sr. general Gomes da Costa facultado ao pessoal dos correios e telégrafos, escolha da entidade que lhe deve servir de administrador geral e tendo alguns membros do mesmo pessoal vindo a público com a escolha de determinada pessoa para o exercício de tal cargo, a direção da Asociación de Classe do Pessoal Menor dos Correios e Telégrafos, como lídima representante do mesmo pessoal, não pode deixar de apreciar as boas intenções de sua ex.º e protestar contra o facto de alguns indivíduos pretendem saltar por sobre as atribuições dos sindicatos, de que este não abdica, embora seja de parecer que tal nomeação deverá ser feita pelo governo, fazendo votos por que recas em pessoa que aos interesses do serviço e do pessoal dedique toda a sua actividade, com a máxima isenção e imparcialidade. — A direção.»

**Um comunicado significativo**

A confusão sobre os acontecimentos existentes até no próprio exército, como se depreende dumha comunicação que os oficiais da coluna da 8.ª divisão entregaram aos jornais do Pórtico.

Depreende-se dela que os oficiais da 8.ª divisão receavam ou receiam que os acontecimentos possam tomar um curso diferente daquele que tem sido anunculado.

**Chegam amanhã a Lisboa os revoltosos de Almada**

Foram postos em liberdade, por ordem do ministério da Guerra, os presos da revolta de Almada que se encontravam nas Acores, e que já vêm a caminho de Lisboa, devendo chegar amanhã a Lisboa, onde os seus correligionários lhes preparam uma grande recepção.

**O decreto nomeando o novo governo**

Foi ontem publicado no Diário do Governo o decreto n.º 11707, nomeando os oficiais Manuel Rodrigues Júnior, António de Oliveira Salazar, Manuel de Oliveira Gomes da Costa, Jaime Alfreixo, António Oscar de Fragoso Carmona, Joaquim Mendes dos Remédios e Ezequiel de Campos, respectivamente, Ministros da Justiça e Cultos, Finanças, Guerra e Interino das Colônias, Marinha, Negócios Estrangeiros, Instituição Pública e Agricultura e Interino do Comércio e Comunicações.

**Notas soltas**

Falou-se em que vão ser imediatamente reconstituídos, com os respectivos oficiais,

## A BATALHA

## DESPORTOS

### Futebol O Campeonato de Portugal

A F. P. F. A. reconfirma a sua primitiva resolução em fazer disputar no Pórtico a final do Campeonato de Portugal, a dar-se entre o Belenenses e o Marítimo do Funchal no próximo domingo. Tendo empatado a votação feita, por dois votos a dois, numa das suas últimas reuniões em que se pretendia transferir para Lisboa, como chegámos a noticiar, a realização do sensacional jogo, os delegados do Pórtico consultados não concordaram, manifestando-se instantaneamente porque se comprimisse as deliberações a seu tempo tomadas, para que se realizasse no Pórtico dado o caso que os finalistas fossem os campeões do Funchal e de Lisboa.

A Federação Portuguesa oferece aos Belenenses as maiores garantias no sentido de evitar possíveis agressões aos seus jogadores, indo até ao ponto de tornar responsáveis os dirigentes dos clubes do Norte pelo que possa suceder de maneira, interditando-lhes os campos de jogos por largo tempo.

Será, pois, no dia 6, e no Almeal, realizado o encontro final para o título máximo. Que resolverá o Belenenses? Não sabemos até agora nada de positivo, mas cremos que o campeão de Lisboa se decidirá a comparecer em campo, confiando nas provindas tomadas pela Federação e na atitude de neutralidade devidas pelos desportistas do Pórtico.

### MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Águia» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas, Madeira, e por via Funchal para África Austral, Cabo da Boa Esperança; Elisabeth e África Oriental, sendo da Caixa Geral a última tiragem da correspondência ordinária à 1 hora da tarde e para a registada recebe-se ás 11 horas da manhã.

### DENTES ARTIFICIAIS

a 25\$00. Extracções sem dól

a 15\$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20\$00. Dentaduras completas sem placa em «cauchu». Consultas das 11 da manhã ás 8 da tarde.

MARIO MACHADO  
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

### TEATROS

#### Notícias

Já está formada a companhia que, a convite do empresário do Gimnásio sr. Sebastião de Araújo, o actor Carlos Santos organiza para a época de verão que se inaugura amanhã com a farça «O célebre Pina». Além dos artistas que entram nessa peça hão juntar os nomes de Júlia Soares, Sofia Santos, Maria Alves, Otelo de Carvalho, Ribeiro Lopes e Fernando Pereira. No «Célebre Pina», reaparece amanhã o actor Joaquim Prata, interpretando o papel de protagonista. Os espectáculos do Gimnásio, no verão, são a preços consideravelmente reduzidos.

—Amanhã já teremos, no Apolo, a tragédia de Shakespeare «Otelo», em que Rafael Marques interpreta a parte de protagonista.

—Tos e «Flay» são dois leopards negreiros, o primeiro dos quais é duma ferozidade terrível. «Flay» executa sensacionais trabalhos de «dressage». Um e outro apresentados pelo domador Guido Fazio que ontem se estreou com um enorme êxito, no Teatro Salão Foz.

—Jinny é um bem educado urso siberiano que madame Laura Fazio domou e que, para lhe ser agradável, se presta a fazer rir as crianças com as suas engraçadas imitações.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

Este cartaz já por si admirável é completado pelos nomes dos distintos artistas portugueses Maria Corte Real e Guiherme Caupers, pelo celebré humorista e ilusionista Dr. Comité, pela fenomenal bailarina de 11 anos Carmencita Guerra e pela «Fox Melody Band», que todas as tardes e todas as noites são delirantemente aplaudidas.

&lt;p



# A BATALHA

Enquanto a situação se não aclare o proletariado deve estar atento e seguir as indicações da C. G. T.



## Uma conferência plenária de sindicatos revolucionários

### Comunicado da Associação Internacional dos Trabalhadores

O secretariado administrativo da A. I. T. teve uma reunião em Paris, a qual decorreu desde 8 a 12 de Maio último. Compareceram delegados de todas as organizações europeias aderentes à A. I. T., de forma que esta reunião se pode considerar uma conferência internacional. Também compareceram delegados do Secretariado Internacional Anti-Militarista. De entre as resoluções tomadas destacamos as seguintes:

#### Comitê de ação e propaganda em Paris

Após uma demorada discussão sobre a imigração em França, resolveu-se a constituição em Paris de um comitê de ação com delegados das seguintes organizações: C. N. T. (Espanha), U. S. I. (Itália), C. G. T. (Portugal), Comitê Sindicalista Anarquista (Polónia) e, eventualmente, da U. F. S. A. (França).

O secretariado do comitê é nomeado pelo congresso e dará regularmente ao secretariado da A. I. T. informações sobre a atividade do comitê, a qual se resume na seguinte moção:

“A missão do comitê de ação de Paris é o desenvolvimento da propaganda pela Associação Internacional dos Trabalhadores no meio do operariado dos países cujas condições internas tenham forçado o êxodo de activos militantes sindicalistas e impedido a menor actividade revolucionária.

O domínio da actividade do comitê de Paris considera-se:

1.º O apoio monetário à União Sindical Italiana para edição do seu órgão na imprensa, na medida das suas possibilidades, e para a organização do operariado italiano, devendo procurar, além acordos com os sindicatos revolucionários de França;

2.º A criação de uma base para a cooperação entre os anarquistas espanhóis imigrados em França, e a C. N. T. (Espanha), com o fim de editar um órgão de propaganda das ideias, princípios e tática da A. I. T., particularmente, acerca dos acontecimentos em Espanha, apoiando-a monetariamente ao pôr em prática esse objectivo;

3.º A publicação de um órgão mensal da A. I. T. para propaganda do sindicalismo revolucionário em França e conseguindo, por esta forma, uma base de cooperação com a U. F. S. A. e, apoiando, pois, dentro dos possíveis limites, a reconstituição do sindicalismo revolucionário;

4.º O apoio ao comitê anarquista sindicalista de Polónia nos seus esforços para o desenvolvimento da propaganda da A. I. T. entre os trabalhadores polacos imigrados em França, e também na Polónia;

5.º A publicação mensal do “serviço de imprensa” da A. I. T., no idioma russo.

Para que possa efectuar este trabalho, a A. I. T. põe à disposição do comitê de Paris uma terceira parte das suas cotizações

#### NORTON EM ANGOLA

## Como o Banco Nacional Ultramarino compleiou a obra do “regime de extorsão” a que foi submetida a província

Em virtude dos contratos celebrados entre o Estado e o banqueiro dr. João Ulrich, o Banco Nacional Ultramarino declarou-se um dos maiores proprietários de Angola. A situação da colónia já deixava tudo a desejar, mas tinha ainda uns restos de vitalidade que urgia fazer sucumbir.

Cabia ao Banco, ao entrar na posse dos direitos assegurados no papel, tornar-se senhor absoluto da situação, por él criada segundo os seus interesses.

De grave, a situação da província tornou-se insuportável. O comércio debatia-se na agonia dum aspecto asfixiante; a agricultura abandonada por completo, a indústria sem sinal de vida e a exportação tornava-se nula. O Banco deu o último golpe na actividade de Angola, submetida ao Regime da Extorsão.

Usava de todos os meios ao seu alcance para conseguir a satisfação do seu desmedido egoísmo, sendo uma das armas de que lançava mão a falta de numerário em circulação.

A parte mais considerável do elemento europeu que em Angola se sacrificava em prol da civilização, é composta do funcionalismo civil e militar e outras categorias de servidores do Estado, e estes, pretendendo transferir para Portugal as suas economias com o fim de terem seguro e virem depois gozar o produto do roubo, armindo em brasiileiros, outros porque a necessidade de suas famílias reclamavam o seu auxílio, não conseguiam satisfazer o seu desejo. O Banco dizia “não”.

E ao não dos banqueiros, o povo, sempre cobardo e miserável, não respondia sim, usando dos seus meios.

Que interesse haveria entre o facto do Banco usar dos seus criminosos meios e da população investir, mesmo usando da violência, contra o Banco e banqueiros, exigindo-lhes a responsabilidade dos prejuízos que se julgavam com o direito de causar?

Que grau de culpabilidade haveria no procedimento dos financeiros e dos lesados?

Tomando o Banco, segundo o seu proceder, por um criminoso, e tendo por criminoso a atitude do povo, dado que él desfrusse o Banco, qual dos crimes seria maior, qual dos criminosos teria mais responsabilidade; o Banco roubando descaradamente, criando uma situação de desespero, para fins as energias da colónia, lançando sobre elas o descredito, ou o povo metendo as portas dentro, destruindo o edifício e metendo os banqueiros na Fortaleza de São Miguel?

Na teoria estatal-capitalista o povo seria o criminoso, porque não tem o direito de se revoltar contra aqueles que vieram ao mundo predestinados a ter inviolavelmente

## Congresso Nacional dos Operários do Ramo de Alimentação

Prosseguem com grande actividade os trabalhos da comissão organizadora do Congresso Nacional dos Operários do Ramo de Alimentação. A comissão referida, que já tem alguns trabalhos elaborados para apresentar ao Congresso, previne os sindicatos que desejem apresentar alguma tese que o devem fazer com urgência a fim dessa tese ser apreciada e publicada.

Aos sindicatos aderentes solicita a mesma comissão uma resposta à circular que trata da população associativa, pois a sequência dos trabalhos da comissão depende da resposta aludida.

Deram a sua adesão ao Congresso mais os seguintes organismos: Associação de Classe dos Profissionais Culinários de Lisboa e Criados e Cozinheiros do Fun-

chal.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Calçada Castelo Branco Sarava, 42-1.º, lugar onde se encontra esta comissão.

#### A propaganda anti-militarista

O Secretariado Internacional Anti-Militarista e a Associação Internacional dos Trabalhadores formam uma comissão anti-militarista de seis membros, a qual se apoiará nos princípios daquele Secretariado e da A. I. T., propondo-se realizar o seguinte trabalho:

a) manter a imprensa revolucionária ao corrente do desenvolvimento das guerras e dos preparativos bélicos e dedicar especial atenção ao combate da produção de armas e de toda a sorte de material de guerra;

b) denunciar as causas dos conflitos bélicos da actualidade e do futuro;

c) propagar o desarmamento e trabalhar no mesmo sentido;

d) assinalar os extraviados do pacifismo ou pseudo-anti-militarismo;

e) exportar manifestos e folhetos.

A comissão é responsável perante o S. I. A. M. e a A. I. T., tendo de enviar trimestralmente informações da sua actividade a ambas as organizações.

A comissão elaborará um sumário das despesas por semestre, apresentando-o para sua ratificação as duas organizações internacionais, visto que cada uma delas tem a seu cargo metade das despesas da comissão anti-militarista.

A formação e a actividade de uma comissão anti-militarista internacional implicam que as organizações sindicais que reconhecem a declaração de princípios da A. I. T. poderão ingressar na referida comissão por intermédio das suas organizações nacionais, assim como os grupos anti-militaristas ou anarquistas que se encontram no mesmo campo do S. I. A. M.

#### Outras resoluções

Apreciou-se detidamente a situação em Espanha, resumindo-se a opinião sobre a tática dos nossos camaradas espanhóis numa moção que vigora o ponto de vista seguido até hoje pela A. I. T., concordando com a moção, aprovada no segundo congresso da A. I. T., acerca dos partidos políticos, assim como os grupos anti-militaristas ou anarquistas que se encontram no mesmo campo do S. I. A. M.

“Tendo aparecido nos jornais uma nota acerca deste mercado, proveniente sem dúvida das associações de classe dos agricultores e horticultores do distrito de Lisboa e dos vendedores de produtos agrícolas, necessita de uma rectificação importante.

E certo que depois de algumas conferências entre as aludidas associações e o vendedor dos Mercados sr. Pinto Rodrigues, ficou resolvido por sugestão deste senhor que fosse apresentada pelas Associações uma fórmula de empréstimo a esta Câmara da quantia necessária para a conclusão do mercado de 24 de Julho, embolsando-se pelo rendimento próprio.

Ora as referidas associações ofereceram os fundos para a obra mas queriam tomar a si a direcção da construção, devendo a Câmara entregar-lhes o mercado pelo prazo de 15 anos além do acabamento, (computados por elas em três anos) e ceder-lhes todas as receitas presentes e futuras durante os referidos 15 anos.

Foi com isto que a Comissão Executiva não concordou.

#### Ocorrências diversas

No Cais do Sodré, encontravam-se ontem à tarde, aguardando o vapor para Calciilas, a fim de daquela localidade seguir para Setúbal, onde residem, Celestina Augusta Amorim, de 35 anos, um seu filho Celestino Amorim, de 7 anos e o “chaufeur” José Augusto Correia Matias, que conduziu um aeroporto. Nesse momento, um carroceiro, no mesmo local descarregava uns garrafões contendo ácido sulfúrico, quando deixou cair um deles que se partiu esvasiando-se o líquido que foi atingir aqueles três, que ficaram muito queimados nos pés. Conduzidos naquele automóvel ao posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foram ali pensados pelo enfermeiro Gomes, seguindo depois para casa.

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu curativo e recolheu a casa, Abel de Sousa Sobral Júnior, residente na rua da Junqueira, 116, o qual tendo sido acometido subitamente de um ataque, no Campo das Cebolas, caiu sobre um vedor, fazendo um grande ferimento no pescoço.

Da Casa Mortuária do Hospital de São José, foi removido para a Morgue José Penedo, de 43 anos, natural de Lisboa, residente na rua da Cruz a Alcântara, 137, loja, que, como noticiámos, caiu na Rocha do Conde de Obidos, quando “picava o costado” de um navio, vindo a falecer no dia imediato, na enfermaria de Sousa Martins.

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, deu entrada Severino Augusto, de 13 anos, natural de Portalegre, sapateiro, residente na rua da Rosa, 126-2.º, que foi atropelado por um automóvel no Largo de Belém, ficando muito contuso na cabeça e ferido no rosto.

Da casa mortuária do Hospital de São José foi removido para a Morgue o cadáver de Nicolau Ourique, de 6 anos, morador na travessa da Praça 11-1.º, que, como noticiámos foi, no dia 31 de Maio último, atropelado por um automóvel, no largo de Belém, falecendo no dia seguinte na sala de observações daquele hospital.

À sala de observações do banco do Hospital de São José recolheu ontem Dianteiro António Farinha, de 19 anos, natural de Lisboa e residente na rua da Penha de França, 104-2.º Dtº, que nas obras do novo Manicômio no Campo Grande se desenhou com outro operário da mesma obra por questões de trabalho, sendo por este agredido com um tiro que o atingiu na perna esquerda.

Na Morgue deu entrada Celestina de Jesus, residente na rua de São Jerónimo, pátio do Jardim, 14, que ali faleceu sem assistência, suspeitando-se, segundo queixa entregue à polícia, de que foi vítima de agressão, pelo que lhe vai ser feita autópsia judicial.

Na revista «Foto-Sport» traz, num grande número de páginas, uma colaboração esclarecida e bem magnificamente ilustrada.

#### Correia de SOUSA

#### IMPRENSA

#### Revista «Foto-Sport»

Está à venda o n.º 30 desta revista da especialidade, referente ao corrente mês de Junho. «Foto-Sport» traz, num grande número de páginas, uma colaboração esclarecida e bem magnificamente ilustrada.

## O “NERO” DE MOÇAMBIQUE

### Um ligeiro balanço da obra de ruína e despotismo de Azevedo Coutinho

LOURENÇO MARQUES, Maio.—Finalmente, arredado do seu lugar em Lourenço Marques, parte amanhã para Lisboa o Alto Comissário Vitor Hugo d’Azevedo Coutinho. Convém, por isso, passar revista à sua desastrosa acção política, social e administrativa.

Em 20 de Fevereiro, «A Batalha» a propósito da discussão do empréstimo de 18.000 contos, inseriu um relato largo do que se passara em Moçambique, no tempo da sua prisão, o ex-ferroviário Raúl Ferreira. Usaram-se todos os “trucos”, desde a falsificação dos suplementos de «O Encenador», até à delação do “chaufeur” Pechincha; e após 4 meses de luta, luta heróica, átila e nobre da parte dos ferroviários, o movimento dos trabalhadores foi esmagado pela traição, pela felonía, coroando-se o feito com a deportação de mais uma dezena de trabalhadores sem julgamento, ou sequer culpa formada, para a fortaleza de São Sebastião da ilha de Moçambique.

Era a vitória para Azevedo Coutinho, mas a fome era a fome para o operariado. Contudo, com a fome esperava-se que viesse os menos a liberdade.

Puro engano: — Não veiu. As prisões continuaram atulhadas.

Em 3 de Abril, varado por zagalotes, tomou o comissário Henrique de Sousa.

Mais prisões. O terror triplicou a sua ferocidade. Sobre os ferroviários foi lançada a lama da responsabilidade. Perseguiu-os como lobos.

A final descobriu-se o assassino. Tinha sido armado numa casa de jôgo. O crime era obra maquinada em casas de tavolagem sempre combatidas pelo órgão jornalístico dos grevistas; e, contudo, as prisões continuaram atulhadas de ferroviários, como se eles fossem criminosos da última categoria.

Duma terra plácida, cheia de sol, de trabalho e de paz, fez o alto comissário Azevedo Coutinho um inferno, uma arena em que, aos trabalhadores, são aplicados os processos que, na velha Roma, Nero pôs em curso.

Todas as liberdades suspensas. As leis espesinhas. Os homens de caráter, nas masmorras ou vigiados, com a espada da expulsão suspensa sobre a cabeça; a sôlta, dando cartas, sicários, traidores, padres devassos, bigamistas, assassinos, incendiários, todos as fases da escória humana.

— O prémio das transferências a 90 e 95 %;

— Moçambique debatendo-se numa conflagração medonha, a resvalar para um temoroso abismo, com as finanças arruinadas, com todos os interesses vitais despresados, com uma vida económica desoladora, escravizada a um sólido do governo.

E tudo isto e muito mais que se não pode dizer num só artigo de jornal, mas que, com números e provas, consta da coleção de «A Batalha», é obra do alto comissário Vitor Hugo d’Azevedo Coutinho.

— O terror implantado em Lourenço Marques, descendendo sobre a cabeça de cada homem que não esteja disposto a vender-se, a ameaça dum calabouço ou da expulsão;

— Trabalhadores desterrados: para a fortaleza de São Sebastião da ilha de Moçambique e para Lisboa;

— Os jornais populares suspensos por ukazes surdos, e os jornalistas fugidos para a exilhão;

— As ruas da capital da Província percorridas por agentes da ordem, de arma apurada, gritando a quem pacatamente vai a sua vida: — «Quem vem lá?»;

— O prémio das transferências a 90 e 95 %;

— Moçambique debatendo-se numa conflagração medonha, a resvalar para um temoroso abismo, com as finanças arruinadas, com todos os interesses vitais despresados, com uma vida económica desoladora, escravizada a um sólido do governo.

— Todas as liberdades suspensas. As leis espesinhas. Os homens de caráter, nas masmorras ou vigiados, com a espada da expulsão suspensa sobre a cabeça; a sôlta, dando cartas, sicários, traidores, padres devassos, bigamistas, assassinos, incendiários, todos as fases da escória humana.

— A sua memória, lúgubre e repelente, atraíssava mais de um séculos: passará de pais a filhos e dêstes a netos, tantas e tão inocentes foram as suas vítimas, tantas e tão amargas lágrimas fez chorar a mulheres e crianças, tantos e tão ferozes foram os seus actos de violência, de arbitrariedade, de tiranía, de injustiça, de prepotência.

Durante quase 18 meses, o alto comissário conservou a província de Moçambique em chamas:— de 11 de Novembro de 1925 até ao princípio de Maio, atingiu em Lourenço Marques um braçadeiro alteroso que se sentia na Europa inteira a crepitá sinistro das suas torvas labaredas; e ainda hoje se sente a mordacidade, a asfixia, o terror na capital desta possessão ultramarina, não só porque levára muito tempo a extinguir a fogueira de ódios que Azevedo Coutinho aqui deixou, mas ainda porque, contra todos os princípios da ordem, da justiça e do decretado, — cá se conservam, detendo os primeiros lugares, os sinistros incitadores da tragédia imensa e torva que foi toda a acção administrativa, social e política do referido alto comissário.